

# SETE FOTOS, SETE CARNAVAIS



Roseli Gimenes

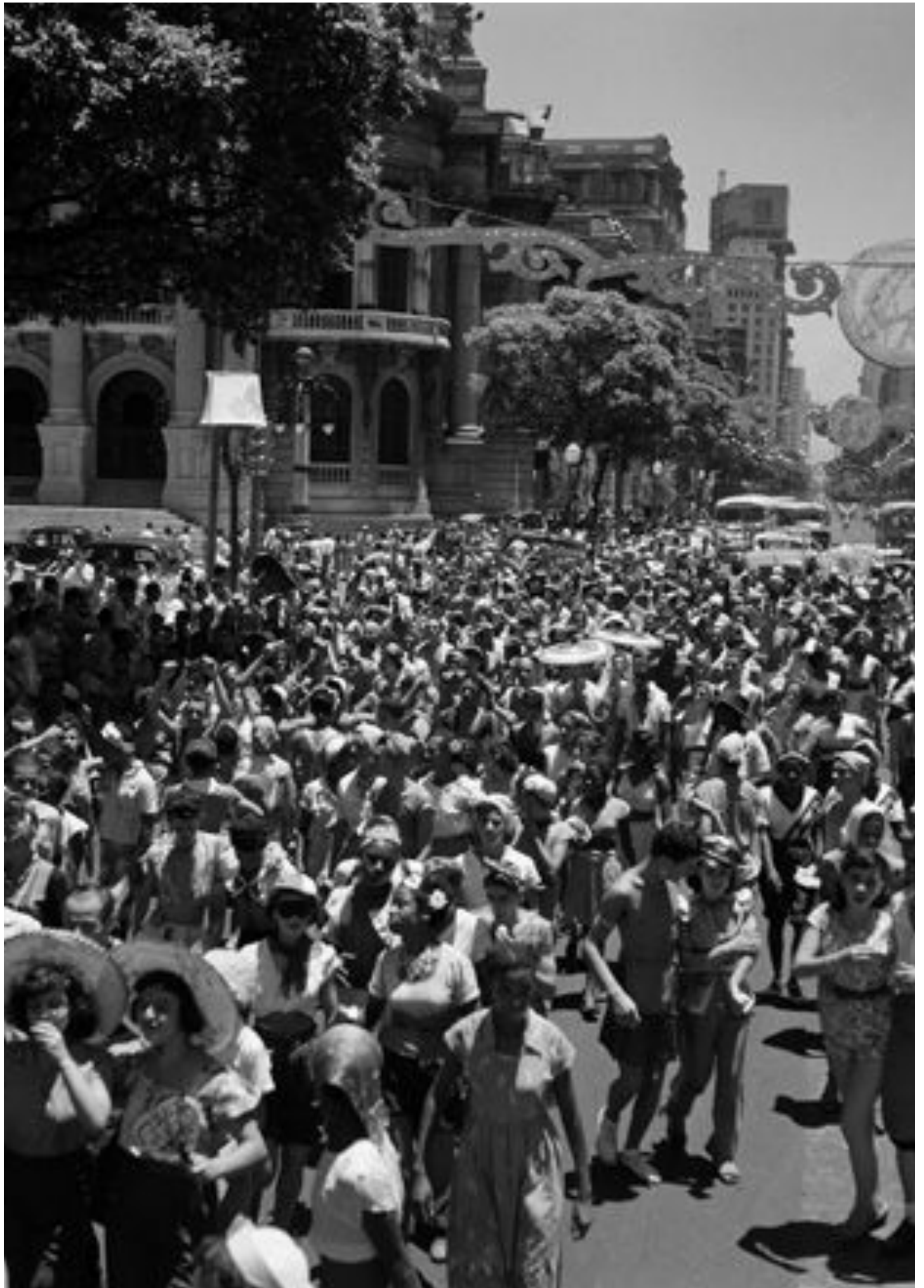
O irmão mais velho fora sortudo. Não bastassem as muitas fotos de bumbum ao alto, uma para cada mês de vida, mal completara um ano de vida, recebera uma foto por ano. Foto carnavalesca.

Por sete anos viveu a glória da fantasia. Todo fevereiro um retrato em branco e preto de personagens interessantes. Fora um Turco. Bem, assim o chamavam. Os árabes do bairro reclamavam com toda razão. Fora um Pierrot todo azul de lindezas. Sem dúvida, certo ano, apareceu de Pirata dos sete mares. Palhaço também, essa era a fantasia mais colorida.

Estranho agora pensar em cores. Olhar essas fotos de uma época da década de 50 e supor o colorido delas era alguma coisa da memória daqueles tempos. Talvez a memória narrativa dos pais, avós, tios, amigos. Viu como era lindo aquele chapéu turco de cor dourada? E aquele pierrot azul? Um palhaço multicolor? Um pirata em cetim branco, preto e vermelho?

Assim é que mirar as fotos não coloridas é um ato de pintá-las com as memórias afetivas. Colocar o olho a serviço do olhar é também imaginar o olhar daquele querido fotógrafo, de suas mãos afetuosas, de seu ponto de vista. De caçador da melhor pose. De estar no lugar perfeito. De usar a luz a seu favor, a favor do fotografado. Esse Sebastião Salgado de outros tempos era sempre o mesmo, carnaval após carnaval. Por imposição do tempo eram os registros em branco e preto, mas que beleza eram. O pai. Cada foto era no verso um detalhe histórico. Quem era o alvo, a data, a época. Tudo devidamente registrado.





Essas fotos, essas fantasias. Se as fotos eram as de um artista, as roupas eram da confecção caseira da tia. Exímia costureira, um Dener Abreu da metade do século XX. Anos a fiar, ela construiu mais que carnaval. Foram batizados, aniversários, primeiras comunhões, casamentos. De plumas a paetês. De grinaldas a mosquiteiros. Da cortina à mesa de jantar. Em ambos, as mãos artesanais na produção de lindezas.

Essas imagens voltam ao presente de um carnaval enclausurado. Aqueles eram os de rua. Do talco, da serpentina, do confete, do tão suspeito lança-perfume. Que conteriam aquelas embalagens? Ressoa em seus ouvidos: - Menina, longe de lança-perfumes, é perigoso!

Tão perigoso! Perigoso e presentificado em cada uma das sete fotos daqueles sete carnavais. Que sorte o perigo daqueles ininterruptos sete anos. Que sorte teve aquele fotografado naquelas fantasias. Que sorte aquela rua alva de brancos suores do talco, de braços enlaçados por serpentinas, cabelos coloridos por confetes e perfumados até a medula.

Na vitrola de um grande e austero móvel, saía a voz de Carmen Miranda "Taí"... e aqueles pisantes deslizavam rua afora, casas adentro, tomados e entornados por suaves bebidas adocicadas, em um vai e vem movimentado durante sete dias. E para tudo acabar na quarta-feira.

Ou dali alguns meses. Sete anos, sete carnavais. Tudo que restou, fotos. Sete fotos.



